

VIII Congresso Internacional Convergência, Movimento Lacaniano para a Psicanálise

Freudiana

Barcelona 2023

## TESTEMUNHOS

Beatriz Bernath

[bbernatj2150@gmail.com](mailto:bbernatj2150@gmail.com)

A partir de minhas experiências como coordenadora e membro de um grupo de filhos de sobreviventes da Shoá chamado "Testemunhas da Memória" e como passadora no dispositivo do Passe na EFBA (Escuela Freudiana de Buenos Aires), comecei a questionar sobre o Testemunho tanto em relação aos filhos de sobreviventes quanto em relação ao Passe.

O testemunho é considerado como uma declaração feita por uma pessoa para provar ou assegurar a veracidade de um fato por tê-lo testemunhado. Nos tempos antigos, o testemunho era usado como sinônimo de testemunha, um sujeito, alguém que observou um determinado evento. No direito, é a pessoa que testemunha os fatos, enquanto testemunho é o nome da sua declaração. É também a evidência que serve para confirmar a verdade de algo, sendo o falso testemunho punível. Há uma referência à verdade, dado que, na esfera jurídica, a verdade surge a partir da evidência. É o que está escrito, um objeto produzido. Por outro lado, a medicina também encontra a sua origem na atenção prestada tanto ao relato dos sintomas referidos pelo paciente quanto aos sinais observados pelo médico. A verdade depende do discurso em que estamos imersos. Para a psicanálise, a verdade do que é dito sustenta a relação com o Outro, e assinala que a medicina não o teria como fundamento. Freud coloca o sintoma e sua relação com a verdade no lugar operativo, encontrando-se ali com a transferência.

Esta verdade que emerge em sua relação com o dizer não valida a oposição verdade/ mentira que surge da noção de verdade como a adequação da

representação à coisa. Desta perspectiva, a oposição mentira/verdade não seria tal, pois onde há uma mentira, há um caminho para a verdade.

Esta é uma verdade que pertence ao discurso da psicanálise onde a verdade estaria em relação ao dito, de modo que a representação do que aconteceu não teria que ser adequada ao fato em si.

Há uma relação entre verdade e saber, já que a verdade é o que falta no saber inconsciente. A relação da verdade com o real faz a condição do sujeito constituído com base no que o Outro diz sobre ele. Esta verdade tem a estrutura da ficção, portanto, a ficção acarreta uma verdade. É através do efeito da análise que a confusão entre verdade e o Real seria quebrada, verdade e real não seria o mesmo, assim como a verdade também não seria UMA, pois ela dá conta do real sem ser real.

Se o sintoma priva do esquecimento e a Memória seria o ato de não esquecer: que lugar para a psicanálise em relação à verdade, à Memória e ao Testemunho? Vemos que o sintoma testemunha a repressão, existe uma verdade inconsciente. Mas como a verdade se joga nos testemunhos da Shoá e nos chamados testemunhos do Passe? Para quem é o testemunho? Em ambos há um outro que escuta, no passe em primeiro lugar o próprio analista e nos da Shoá o outro do laço social. Em um seria em relação à verdade e no outro em relação ao real. Diante destas perguntas, surge também: como o passador joga como testemunha no testemunho do passe? O passador, como caixa de ressonância, ressoará a verdade do que é dito além das próprias palavras do passante. Poder ouvir, ter uma posição lógica. Lacan diz que a escrita é o que a linguagem deixa como um traço. Isto seria tentado no passe, nós da linguagem que constituem traços do impossível.

Segundo Primo Levi, há uma dialética impossível no testemunho entre o sobrevivente, uma pseudotestemunha; e a testemunha integral, que estava lá e morreu, assim como aqueles sendo chamados muçulmanos devido à maneira como se prostraram à beira da morte, mortos em vida. O primeiro pode falar, mas não pode testemunhar a morte; e a testemunha integral que estava lá e morreu e que, com o

muçulmano, morto em vida, não pode testemunhar precisamente porque está morto. Portanto, não há testemunha completa, nenhum deles é O Testemunho, falta a experiência da morte e aquele que morreu não voltou para testemunhar sobre isso. Não há nenhum titular do testemunho, falar, testemunhar é entrar em algo que dessubjetiva e cala; e algo que subjetiva e fala sem ter - em si mesmo - nada a dizer.

É possível testemunhar?

Quando nos referimos ao Testemunho dos sobreviventes da Shoá, entra em jogo a Memória de não esquecer, um ato da cultura de um evento histórico que aconteceu. Yosef Yerushalmi no seu trabalho "Reflexões sobre o Esquecimento" diz que quando dizemos que um povo "se lembra" estamos, na verdade dizendo que um passado foi ativamente transmitido às gerações contemporâneas através do que ele chama de "os canais e os receptáculos da memória".

Proust já nos disse que o poder da Memória não é ressuscitar. A Memória nunca será uma cópia fiel ou senão, como pode responder uma memória angustiada e em luto tentar escrever em Memória de...?

É diferente quando falamos do Testemunho do Passe, um artifício criado por Lacan para extrair um saber da experiência de análise, onde não estamos falando de um simples relato ou da sua histerização/historização, mas do que significa a passagem de analista para analisante, cuja nomeação poderia estar relacionada a ser nomeada para esta passagem. Mas sobretudo Lacan, na sua Proposta de 9 de outubro de 1967, diz: primeiro um princípio: o analista se autoriza a si mesmo.

Vemos que ambos os testemunhos estão em relação ao significante Passe: o da Shoá como algo que passou historicamente, ao que aconteceu, portanto, possível de ser transmissível; e o do Testemunho do Passe, que fala de uma passagem que tenta explicar se algo aconteceu numa análise e do desejo do analista.

Considero que em ambos os testemunhos há o que é impossível de ser testemunhado. No Testemunho do Passe é impossível testemunhar e simbolizar aquilo que habita o real e nunca deixa de ser escrito. Além disso, o simbólico é alcançado

através das imaginarizações do real, uma vez que a verdade que vem do real deve primeiro ser imaginizada.

E no Testemunho da Shoá haveria a impossibilidade de testemunhar, pois, pela estrutura não haveria possibilidade de ter uma Testemunha integral completa que pudesse testemunhar a morte. No Testemunho da Shoá, existem livros, documentários ou várias expressões artísticas que dão conta do que aconteceu. É um ato que permanece na Memória.

No Testemunho do Passe haveria uma escrita do impossível, fazendo o Testemunho no próprio Passe, que não deveria permanecer com o que aconteceu. O Passe é um dizer que levanta as suas próprias questões. Como coloca Osvaldo Arribas quando se pergunta se no testemunho do passe se trata de dar conta da satisfação alcançada pelo passante na sua demanda de análise, ou melhor, de um resto de um desejo que está sempre insatisfeito além da satisfação alcançada.

No Testemunho da Shoá estamos em relação ao que aconteceu, enquanto no Testemunho da Passagem não terá havido passagem se permanecermos em relação ao que aconteceu.